

## Hersenschimmen

J. Bernlef

### Desvario (werktitel)

Vertaald door Mariângela Guimarães

Blz. 7 t/m 24

Talvez seja por causa da neve que eu já me sinto tão cansado logo de manhã. A Vera não, ela adora neve. Segundo ela, nada é mais bonito que uma paisagem nevada. Quando os vestígios humanos desaparecem da natureza, quando tudo se transforma em uma planície branca e imaculada. Tão lindo! Diz isso quase com fissura. Mas esse cenário não dura muito aqui. Passadas algumas horas, já se veem por toda parte pegadas, marcas de pneus, e as ruas principais são varridas por tratores limpa-neve.

Eu a ouço na cozinha preparando o café. Só o poste amarelo ocre da parada do ônibus escolar ainda indica onde a Field Road passa por nossa casa. Aliás, não sei onde estão as crianças hoje. Todas as manhãs fico aqui em frente à janela. Primeiro controlo a temperatura e então espero que elas surjam, no comecinho das manhãs de inverno, de todos os cantos, por entre os troncos das árvores, com suas mochilas, suas gravatas e gorros coloridos, e suas estridentes vozes americanas. Aquelas cores vibrantes me deixam alegre. Vermelho-fogo, azul-cobalto. Tem um garotinho que tem uma jaqueta amarelo-gema com um pavão bordado nas costas, um menino que manca um pouquinho e que sempre é o último a subir no ônibus. É o Richard, filho do Tom, o faroleiro. Nasceu com a perna esquerda mais curta. Uma cauda de pavão azul-celeste bem aberta, cheia de olhos escuros arregalados. Não sei onde estão hoje.

A casa range como o costado de um velho cúter. Lá fora o vento rola pelas copas dos pinheiros vergados, calvos. E em horários fixos o bramido mouco e entrecortado da *foghorn* — quero dizer, da sirene de nevoeiro — ao lado do farol, na última rocha que desponta no mar de Eastern Point. Em horários fixos. Dá para acertar o relógio.

O termômetro de fora indica menos três, o termômetro Heidensieck do papai, um bastãozinho de vidro numa moldura protetora de madeira verde-musgo, parafusado na esquadria da janela. À esquerda Celsius, à direita Fahrenheit. O papai e seu

Heidensieck. Ele não acreditava em previsão do tempo, mas sim no registro de fatos. Não por nada foi escrivão praticamente a vida toda. Temperaturas da manhã e da noite eram anotadas em um caderno de capa preta marmorizada. A primeira e última coisa que ele fazia todos os dias. Uma espécie de ritual. Nos finais de semana, pegava o caderno, ia para seu escritório e trabalhava seus gráficos baseado nas temperaturas anotadas. Guardava os gráficos, desenhados com um lápis Faber de grafite duro sobre papel salmão quadriculado, em uma pasta. Por que é que ele fazia aquilo tudo? Só falou comigo sobre isso uma única vez, pouco antes de sua morte, em sua casinha junto à duna interna de Domburg. Meu tempo é muito curto, ele disse, e o sistema é muito grande, muito lento e muito complicado para uma pessoa só. Eu registro meros fatos. Mas você pressupõe um sistema por trás desses fatos, eu disse. Pode-se dizer que sim, ele falou. Ou todos os fatos teriam que ser anormalidades, acrescentou com seu sorrisinho fino e irônico. Mas então não haveria mais nenhum sistema, sugeri. Ou um sistema que nós nem conseguimos imaginar, ele disse.

Estranho que, aqui em Gloucester, na Costa Norte de Boston, eu esteja de repente pensando nele: no papai e seu termômetro Heidensieck. Seu túmulo na Holanda já deve até ter sido removido.

Sim, ele gostava de sistemas. Como pai ele mal nos notava, seus olhos azuis marejados se dirigiam a algo que o resto de nós em volta da mesa de jantar não conseguia ver. Na verdade, tínhamos um pouco de medo dele, a mamãe e eu. Ele era imponente de uma maneira muito literal. E também de uma outra maneira. Quando estava bem-disposto, levava-me com ele até a sacada à noite e me apontava as constelações, os lindos planetas brilhantes. Algumas vezes vimos uma estrela cadente. Tentava explicar para um menino de oito anos que o que ele via ali no céu noturno era um passado muito distante, que não podíamos enxergar o real estado do universo, no máximo calcular. Algumas das estrelas que se vê ali não existem mais, mas outras sim. Eu não entendia isso, mas não perguntava nada. Além do mais, ele só contava esse tipo de coisa quando estava bem-disposto. Na maioria das vezes ia direto para seu escritório trabalhar, logo depois do jantar. Viveu até os setenta e quatro. Mais três anos e eu o alcanço no quesito idade. Quando a mamãe morreu, em 1950, ele começou a anotar outras coisas além da temperatura. Nevascas. Tempestades. Os primeiros sinais da primavera. Os bandos de estorninhos que passavam sobre seu telhado no outono e que ele, em sua caligrafia que combinava tão bem com o caráter impessoal de seus relatos, descrevia como “incontáveis”. Seis anos depois ele mesmo faleceu. Seu coração parou

de repente. Eu desparafusei o termômetro da esquadria da janela da casa dele e o trouxe comigo. Não sei exatamente por quê. É um termômetro bem comum.

Ouçõ de longe a Vera chegando, de tanto que as duas xícaras e pires repicam na bandeja de metal. Tremelicosa, digo às vezes brincando, mas ela não vê muita graça. É por causa de uma vértebra cervical desgastada, segundo disse o doutor Eardly. Não há muito o que fazer. Nada na verdade. Velhice.

“Onde estão as crianças?”

“As crianças? Onde mais estariam se não na Holanda?”

“Não, estou falando das crianças daqui.” Aponto para fora. “As crianças do Cheever, do Robbins e o Richard, do Tom.”

“Mas Maarten, hoje é domingo. Venha, seu chá vai esfriar.”

Que eu tenha esquecido disso. E chá? Eu poderia jurar que é de manhã. Mas agora que olho pela outra janela em direção ao mar vejo que deve ser mais tarde. Por trás da névoa cinzenta se esconde um solzinho pálido. Devo ter me confundido por causa da cerração. A cerração bloqueia a luz. Antes de ir me sentar dou uma olhada rápida no relógio da parede. Passa das três horas.

Sorrio para os olhos verdes e zombeteiros da Vera, com aqueles pontinhos escuros na pupila. Esses dias encontrei uma foto antiga dela. Está reclinada no convés de um barco de turismo, com as costas contra o duplo corrimão branco. Foi num passeio até Harderwijk. O sol brilha em seu cabelo castanho que se agita. Era farto naquela época. Ela ri, dá para ver seus dentes pequenos e alinhados. Agora não me lembro do vestido que ela usava, mas em todo caso era claro. Ainda nos vejo juntos no deck traseiro, enquanto saíamos do IJ. Já éramos casados naquela época? Mas a imagem que tenho dela — pessoal, quero dizer — não se parece com a jovem da foto e muito menos com a Vera que está diante de mim. É uma imagem na qual todas as mudanças por que ela passou estão reunidas. Por isso também é mais uma sensação do que uma imagem.

Vera. Seus gestos ainda sempre ágeis, com inesperadas interrupções; a atenção com que arranca a folha morta de uma planta com os dedos pontiagudos e a inspeciona por toda parte, como se quisesse constatar a causa da morte; a maneira como faz um biquinho com os lábios quando está pensativa ou balança suavemente a cabeça quando lê algo que acha bonito. Sou o único que pode ver nela todas as mulheres que ela foi. Então às vezes a acaricio, acaricio todas ao mesmo tempo, da mesma maneira suave. É uma sensação. Uma sensação que só ela consegue despertar em mim, ninguém mais.

Mexo a colherzinha na minha xícara, assim como ela. Um tilintar familiar de metal contra porcelana fina.

“Tem alguma coisa errada”, ela pergunta e me olha inquisitiva.

“Não”, eu digo. “Como assim?”

“Hoje de manhã você deixou seu café esfriar. E eu pedi duas vezes para você buscar lenha no alpendre. Mas o único que voltou com um pedaço de pau na boca foi o Robert.”

Ela ri. Ainda tem dentes pequenos. Mas esses são falsos. Ela diz alpendre em lugar de galpão porque vem da Holanda do Norte, de Alkmaar, como eu. Mas eu digo galpão mesmo.

“Estava me sentindo meio mole hoje de manhã”, eu digo. “Já vou buscar pra você.”

“Não precisa mais. Eu mesma já fui. Você está um pouco distraído, Maarten.”

“Minha memória nunca foi das melhores.”

Ouçõ na minha voz que estou tentando me defender contra a reprimenda impertinente dela. “É por causa da neve”, digo apressado, “esta monotonia, quando tudo em volta está branco os contrastes desaparecem. Não vejo a hora de chegar a primavera, e você?”

“Tem previsão de mais neve.”

“Que venha.”

Cruzo as mãos, olho para as manchinhas marrom-tabaco entre as veias saltadas e antes que perceba digo mais uma vez “que venha”. Me escapa, assim.

Ela põe a mão na minha cabeça por um instante, no meu cabelo ralo. Quando ela sorri dá para perceber que usa dentadura. Só quando sorri, do contrário, não. Seu rosto ainda é cheio e quase sem rugas. Na ponta de suas orelhas pequeninas brilham brincos de prata, brincos zelandeses que eram de sua bisavó de Zierikzee.

“Termine de tomar seu chá.”

Tomo o chá. De repente fico irritado. Me levanto. “Tenho que ir no toailete.” Eu sempre dizia isso no trabalho. Em casa digo simplesmente “no banheiro”. Naturalmente, a Vera logo nota a sutil diferença.

“Não esqueça de pôr suas luvas”, ela diz.

Fico sentado aqui com frequência — com um jornal velho nas mãos, sem porquê — quando quero refletir sobre alguma coisa. Mas o problema é que é difícil refletir

sobre algo que a gente não lembra. De jeito nenhum. A manhã de hoje. O pedido dela para que eu buscasse lenha. Talvez eu não tenha escutado. Embora ela tenha dito que me pediu duas vezes.

Sempre tive memória ruim. Em reuniões, a agenda era minha companheira inseparável. Mas uma manhã inteira esquecida poucas horas depois? Que passou como se nunca tivesse acontecido? E até agora há pouco eu poderia jurar que era uma manhã de um dia de semana. Se a Vera não tivesse dito nada, eu talvez ainda estivesse na outra sala com as mãos apoiadas no parapeito da janela, como todas as manhãs quando espreito a criançada barulhenta de Eastern Point.

A colocação dos ladrilhos poderia ter sido melhor. Olha só essas protuberâncias de cimento no meio do rejunte. Ainda sou canhoto, mas no jardim de infância não podia cortar papel com a mão esquerda. As tiras para fazer trançados ficam feias, irregulares na largura e no comprimento. A professora se inclina para mim. Seu cabelo escuro, cacheado, roça na minha bochecha fazendo coçar. Vá pegar a caixa de lápis, Maarten, ela diz baixinho, e empurra da mesa minhas tirinhas malfeitas. Olho para as tiras de papel no chão, diante dos meus pés. Então me levanto e abro a porta.

O corredor está vazio. A salinha de materiais fica no final. Na prateleira mais alta está a caixa de lápis com seu cheiro de aparas de madeira e grafite, um cheiro que vem das profundezas de uma floresta, tão antigo como a própria terra. Tenho que subir numa cadeira para alcançar a caixa com divisões de diferentes larguras e comprimentos. A Vera está atrás de mim, ao lado da máquina de lavar roupa. A cadeira vacila e me seguro com as duas mãos na prateleira.

“Tenha cuidado”, ela diz, “e desça desta cadeira antes que você caia. O que está procurando aí?”

“Um lápis de carpinteiro”, balbucio enquanto desço da cadeira. Quando ela pergunta mais uma vez fico em silêncio, como se não tivesse ouvido. Ela não repete a pergunta. Vou pelo corredor até a sala. O volume da televisão está alto. A Vera tem audição meio ruim. Eu não, mas às vezes, como agora há pouco, vem a calhar fingir que a minha já não é tão aguçada como antes.

Mas de fato, o que eu estava fazendo lá, como fui parar em cima daquela cadeira? Assim, do nada. De repente me vi em cima de uma cadeira da cozinha na área de serviço. Sem que nada tivesse acontecido antes.

Ela vestiu seu casaquinho de tricô verde-maçã.

“Está com frio?”

“Um pouquinho”, ela diz e aponta para fora.

Está nevando de novo. O Robert está lá com o focinho quase no chão. Com certeza segue algum rastro. Eu o vejo desaparecer entre os pinheiros, por trás de uma rocha inclinada que irrompe do solo. O vento varreu a neve do alto da pedra manchada, cinzenta. Os veios e rachaduras laterais parecem uma rede de finas linhas brancas, um mapa para o qual de repente não quero olhar. Minha boca está cheia de saliva.

Engulo. Mais uma vez. Engulo novamente e passo a língua no céu da boca. Uma voz feminina entusiasmada anuncia o noticiário das quatro horas. Logo vai escurecer. Vou esperar a Vera e eu aparecermos espelhados no vidro escurecido da janela da sala, como na moldura de alguma pintura famosa. Então vou me levantar e fechar as cortinas. Esfrego as mãos. É, é isso o que vou fazer, vou fazer isso.

Vera. Ela ficou mais magra. E ainda menor, parece. Quando tinha pouco mais de quarenta, ela era mais para gordinha. Eu então passava a mão esquerda por suas costas adormecidas até pegar um de seus seios na cuia da minha mão e roçar de leve o mamilo com o polegar. Este verão tinha dois estirados um pouco mais adiante aqui no bosque, transando. Seios jovens e firmes. Fiquei atrás de um bordo. Não me viram. Velho tarado? Não, não foi isso. A paixão de seus movimentos enérgicos ali no capim alto, em meio a um círculo de roupas jogadas desleixadamente, a garota com os dedos dos pés engruvinhados e a brisa de verão através das folhagens altas que cresciam entre os pinheiros por trás deles. Pensei nos meus movimentos suaves e dormentes com a Vera. Olhava para algo que eu tinha vivido, mas que ficou definitivamente no passado. A excitação pelo desconhecido deu lugar ao reconhecimento, o reconhecimento da Vera como ela é, como eu a vi se transformar com o passar dos anos. Olhando a maioria das mulheres da sua idade é impossível reconstruir a jovem que um dia devem ter sido. Aparentam ter sido sempre como agora. Mas na Vera foram preservados traços e gestos da jovem. Como uma espécie de imprimatura. A velocidade imprudente com que vai se sentar, os acenos esfuziantes quando vê um conhecido em algum lugar, os pés virados para fora, remanescentes das aulas de balé, o pescoço ereto, apesar das rugas ainda girando tão empertigado e curioso como o de um avestruz.

A casa parece maior do que antigamente, quando a Kitty e o Fred ainda moravam aqui. Só o Robert ainda vai ao andar de cima, para nós o andar de baixo é suficiente. Ciscar. Esta é uma diferença em relação a antes, quando ainda trabalhava. A

gente fica ciscando, anda um pouco só por andar. Abre uma porta ou um armário aqui ou ali e depois fecha de novo. A troco de nada. Vê a sala, os móveis bem conhecidos e como estão dispostos ali, os retratos e potinhos, as portas de vidro brilhando no armário de mantimentos que fica no canto e que sempre me faz pensar da sala dos meus avós, no estoque secreto de doces da vovó, atrás da fileira de latas branquíssimas com austeras inscrições pretas “Açúcar”, “Sal”, “Cacau”, “Café”. Finos tabletes de chocolate Kwatta e balas azedinhas ou jujubas que ela guardava para mim; palavras de um passado incrivelmente distante, mas ainda com uma lufada do antigo sabor.

Olho ao meu redor. As coisas adquiriram seus próprios lugares imutáveis. Já não se joga nada fora tão depressa, e quando às vezes alguma coisa quebra a gente não sente a indiferença de antigamente. Você olha ao redor e sabe que esses objetos todos vão sobreviver a você. Estão à sua volta e às vezes vem a sensação: estão me olhando, quase em pé de igualdade.

“Você tem que ver Nova York!”

Também está nevando na tela da televisão. Um trator amarelo-mostarda arrasta a neve em ondas lamacentas pra cima da calçada na Madison Avenue. Os funcionários das lojas assistem atrás de grandes vitrines iluminadas. Melhor eu não esquecer de buscar lenha no galpão. Aqueles blocos são muito pesados pra Vera. Já faz anos que eu mesmo não serro nem uso o machado. Compro a lenha do Mark Stevens, que também vende pro Tom do farol. Aliás, ainda dá para pôr mais um pouco de lenha, ainda que seja mais pela sensação de aconchego do que pelo calor.

Pego um livro na mesinha redonda ao lado da lareira. *O cerne da questão*, de Graham Greene. Nunca vi esse livro aqui antes. Também não é da biblioteca. Quase na metade tem uma passagem de ônibus ida e volta Gloucester-Rockport entre as páginas. Não vi a Vera lendo. Talvez ela tenha emprestado da Ellen Robbins e a passagem seja dela. (Por que eu quero tanto que seja este o caso? Por que esse livro inocente de repente me parece um intruso?)

Mexo um pouco com o espalhador de brasas, faz uma chuva de faíscas tão bonita. Vão lá pra cima, vão, pra fora da chaminé. Lá fora irão sibilar ao serem apagadas por flocos gelados. Respingos pretos sobre o telhado coberto de neve, é tudo o que restará destas faíscas. Vi isso inúmeras vezes ao voltar para casa de um passeio no bosque com o Robert durante o inverno.

Graham Greene. Não é o mesmo escritor de *Nosso homem em Havana*? Assisti uma vez no cinema, um filme com o Alec Guinness. Só me lembro de uma cena com dois homens que jogam uma partida de damas. Mas em lugar das peças brancas e pretas jogam com garrafinhas de bebida. Bourbon e Scotch. Cada peça perdida tem que ser tomada. O perdedor vence.

“Você se lembra de *Nosso homem em Havana*, o filme com o Alec Guinness? Baseado em um livro do Graham Greene?”

Grito um pouco de propósito para que ela me ouça apesar da televisão.

“Vagamente”, ela diz e limpa uma migalha de biscoito do canto da boca.

“Baseado em um livro do Graham Greene.”

“Pode ser, sim.”

Ela não reage ao nome. Viria a calhar se tivesse dito: que coincidência, estou lendo um livro dele. E então eu responderia: não é nenhuma coincidência. Vi o livro aqui na sala e aí me lembrei do filme. Daí tudo faria sentido, nossas palavras se juntariam como pecinhas de um quebra-cabeça. Mas ela não diz nada.

Andar, tenho que me levantar um pouco e andar. Então desaparecerá outra vez esta sensação de estar ausente em plena consciência, de ficar perdido ou confuso, nem sei como devo chamar essa sensação que, pelo visto, pode ser despertada pelo mais simples objeto, como esse livro.

O Robert está arranhando a porta da cozinha. A Vera não escuta. Tenho que segurar o banquinho com as duas mãos para que não seja derrubado pelo vento. O cachorro vem direto encostar seu focinho frio nas minhas mãos estendidas. Acaricio seu pelo malhado marrom-tabaco sobre o qual ainda brilham cristais de neve aqui e ali. O Robert sabe o caminho, vai direto até a lareira acesa.

Da janela da cozinha, normalmente pode-se ver por entre as árvores a costa rochosa e o mar cinzento ondeando, mas agora lá longe não há nada além de um buraco negro. Nem mesmo uma luzinha. Com este tempo, os pescadores provavelmente ficaram em casa.

Vejo a pesca indo de mal a pior aqui em Gloucester. Os pequenos barcos de pesca são enferrujados, sujos, antiquados, e os pescadores não têm nenhuma ideia sobre o desenvolvimento de frotas pesqueiras modernas e totalmente automatizadas do outro lado do mundo. Sei disso por causa do meu trabalho, mas não digo nada. Quando vez ou outra vou até a taverna, fico só ouvindo as histórias deles. No mar não se aprende a



conversar, um deles me disse outro dia. Fica-se constantemente ocupado. E quando há um tempinho livre, tem sempre aquele oceano em volta que nunca se pode perder de vista. O que a IMCO diria disso? Com certeza ninguém sabe que essa é a sigla para a *Intergovernmental Maritime Consultative Organisation*. Nem a Vera. Desde o início ela fala da IMCO sem nunca se perguntar o que aquelas letras na verdade significam.

Eu fazia as atas das reuniões. Mais tarde veio uma secretária fazer aquele serviço e eu passei a definir as quotas de pesca, junto com o Karl Simic. Ele nunca falava muito. Certamente não sobre si mesmo, como o Chauvas, por exemplo, que sempre falava pelos cotovelos. Quotas de pesca. Houve anos em que eu usava essas palavras todos os dias. Não, na verdade nunca mais penso no escritório. Às vezes no alto e magro Karl Simic, embora ele agora já esteja morto. Simitch, é assim que se pronuncia. Um nome iugoslavo. Ele morava sozinho em um apartamento em Boston. E numa manhã o encontraram morto na banheira. Quando fiquei sabendo me arrependi de nunca ter feito amizade com ele. Mas ele era como eu: tímido e reservado. Quando estávamos trabalhando dava para ouvir um alfinete caindo no chão.

“O que estava fazendo tanto tempo na cozinha?”

“Quotas de pesca.”

“O quê?”

“Ah, nada, coisas do meu trabalho. De repente fiquei pensando no trabalho de novo. E no pobre do Karl Simic que se suicidou e nenhum colega entendeu por quê, exceto eu, mas fiquei calado. O que é que sobrou além de atas e relatórios amarelados, cheios de recomendações que ninguém nunca seguia?”

“Vocês homens adoram fazer reuniões e supor que o fazem é muito importante.”

“Eu era só uma engrenagem, uma engrenagem bem paga, é verdade. Mas como funciona exatamente o maquinário intergovernamental, eu até hoje não sei.”

Ela desligou a televisão. Vou me sentar a seu lado no sofá. Ficamos em silêncio. Então ela põe a mão no meu joelho.

“Você não devia vestir sempre essa mesma calça velha”, ela diz.

Uma campainha soa na sala da frente. Para e logo recomeça. Um som irritante, intrusivo, que passa agudo por entre os móveis. Finalmente para.

“O telefone não tocou?”

“Não”, eu digo, “você deve ter imaginado.”

“Talvez fosse a Ellen Robbins”, ela diz. “Pode ser que ela venha aqui hoje à noite.”

Ela se levanta e sai da sala. Meu impulso é ir atrás, mas isso é besteira, claro. Logo ela volta. Entrelaço os dedos e aperto com força.

Agora tem que amanhecer rápido. Se ao menos já fosse primavera de novo e eu e o Robert pudéssemos caminhar pela praia ao longo da baía. Jogo no mar pedaços de madeira trazidos pelas ondas e ele traz de novo para a praia. Um passatempo sem nenhuma utilidade no qual ambos temos prazer, ao nosso próprio modo.

Vou até a janela e aperto o nariz contra a vidraça. Breu. A Vera foi a primeira a descer, como de costume. Abriu as cortinas. Eu as fecho de novo. Ainda é cedo demais para que fiquem abertas numa manhã de inverno tão fria. Até os alunos da escola ainda estão na cama. Esfrego as mãos. Vontade de tomar café. Tento sentir o aroma. Nada. Ela com certeza ainda não está servindo. Então ainda posso ler um pouquinho.

Pego o livro na mesinha da lareira e abro no lugar onde parei ontem. Fiquei lendo deitado na cama. Daí costuma acontecer que eu caia no sono e no dia seguinte não me lembre mais do que li por último. Folheio o capítulo antecedente e coloco a passagem de ida e volta pra Rockport, da semana passada, no começo do livro.

A Vera entra. Não com seu peignoir azul-marinho, mas com uma calça preta de algodão e um casaquinho largo, verde-maçã, por cima de uma blusa branca. Tem na mão longas fitas de papel, tiras de jornal rasgado.

“Foi você que fez isso?” ela pergunta.

Faço que não com a cabeça. “Talvez o Robert”, sugiro hesitante.

“Desde quando um cachorro rasga um jornal em tiras no banheiro?”

Ela vai até a lixeira ao lado do piano e joga os papeis ali. Fico olhando aquilo e não compreendo porque sinto tanta vergonha, porque esses pedaços bobos de jornal me deixam tão encabulado. E não quer amanhecer, não amanhece.

“Se for fechar as cortinas, feche todas”, ela diz. “Vou ligar para a Ellen Robbins. Está um tempo horroroso lá fora. É melhor ela não sair de casa.”

Claro, já é noite. “O que vamos comer?”

“Vou esquentar uma pizza. Afinal é domingo.”

“Claro”, eu digo. “Domingo. Por mim, tudo bem.”

Tento ler o livro que tenho nas mãos, mas as palavras não querem formar frases. É como se de repente eu não dominasse mais o inglês, embora nos últimos quinze anos tenha me tornado praticamente bilíngue. Em casa falamos holandês entre nós, mas basta

ter mais uma pessoa e mudamos sem dificuldade para o inglês. E também acontece com frequência de nos pegarmos falando inglês um com o outro depois das visitas terem partido. Fico olhando as sentenças. Aos poucos vão se alinhando de novo. Algo cai em redemoinho até o chão. Uma velha passagem de ônibus. Coloco no final do livro.

Ouçó a Vera telefonando na sala da frente.

“Sim, foi o que pensei. Mas o Maarten disse que eu tinha me confundido. Também queria sugerir isso. Vamos nos falando.”

Percebo quando ela coloca o fone no gancho.

“Viu, o telefone realmente tocou agora há pouco.”

Faço que sim com a cabeça.

“Então você escutou?”

“Agora me lembro que ouvi alguma coisa”, eu digo, “mas acho que não foi o telefone.”

“Foi, sim.”

Ela vai para a cozinha. Ouçó como ela abre a porta do forno e um pouco depois o barulhinho surdo do gás se acendendo. Ainda estou com o livro nas mãos. Quando a Vera entra novamente eu digo: “Sim, agora me lembro. Bem quando eu queria atender, parou de tocar. Pode acontecer com qualquer um. Era a Ellen Robbins?”

“Sim, era a Ellen Robbins, sim. Ela pensou que não estávamos em casa, que eu talvez tivesse esquecido o nosso encontro. Fique de olho no relógio. Mais dez minutos. Vou vestir um blusão. Continuo com frio.”

Ainda queria fazer uma pergunta, mas ela saiu da sala. Dez minutos. O ponteiro grande agora está no sete. Quando estiver no nove terão passado os dez minutos. Mas e daí? O que tem que acontecer? Fecho o livro e o empurro para longe de mim. Fico olhando para os ponteiros pretos do relógio de parede dourado. Não tem ponteiro de segundos. É como se o relógio estivesse parado. É moderno, não faz tique-taque.

Vou até a cozinha, me sento à mesa e olho para o relógio de plástico vermelho brilhante na parede, um elétrico, com um ponteiro de segundos dourado que gira com leves solavancos pelo mostrador. Não tiro os olhos dele nem por um instante. Sempre fui um homem do relógio. Pontual. Não se pode dizer isso dos outros.

Mais uma volta e o ponteiro grande estará no nove. Terão se passado dez minutos. Terminou. Me levanto e vou para a sala.

“Vera”, eu chamo, “terminou.” Caminho atravessando as salas até o corredor. “Vera, Vera, já passaram dez minutos”, eu grito, tão calmo quanto possível. Então escuto a resposta dela vindo do quarto. “Então desligue o forno, por favor.”

Fui mais que ligeiro executar o comando. Quando ouvi o som sibilante do gás que estacava, dei um suspiro de alívio e fui me sentar à mesa da cozinha. Só pude fazer isso graças à resposta dela por trás da porta fechada do quarto. De outra forma não saberia o que deveria fazer. Que de repente possa me desligar das coisas mais corriqueiras, me preocupa. Não tenho explicação para isso.

A Vera está vestindo um blusão de tricô cinza-azulado de gola aberta, larga. Prendeu o cabelo num coque.

“Por que prendeu o cabelo?”

“Quase sempre faço isso quando tenho que cozinhar.”

“E você vai cozinhar agora?”

“Na verdade, já está tudo pronto. Você tem razão, é só um hábito.”

Ela põe a luva de cozinha florida e tira uma forma do forno com uma pizza.

“Pizza”, digo surpreso.

“É”, ela diz. “Afinal é domingo.”

“Dia de pizza”, digo, afirmando com a cabeça, e me levanto para pegar pratos e talheres. Vera corta a pizza em quatro com uma faca grande. Joga dois pedacinhos escuros de carne no meu prato.

“Anchovas, eu não gosto.”

“Pizza”, eu digo. “Eu adoro.”

“Na verdade, devíamos acompanhar com uma taça de vinho tinto”, ela diz.

“Você se lembra, em Roma, naquela praça enorme. Não me lembro mais como chama. Tinha uma imensa fonte no centro. Comemos uma pizza tão grande que não cabia no prato, caía pelas bordas. Duas menininhas ciganas, com aquelas saias de retalhos, compridas, viram que eu não conseguiria comer tudo aquilo de jeito nenhum e bem quando eu queria dar um pedaço para cada uma delas foram escorraçadas por um dos garçons.